

DOM SILVÉRIO GOMES PIMENTA: PUBLICAÇÕES JORNALÍSTICAS SOBRE SUA DIFUSÃO CATEQUÉTICA E PASTORAL A PARTIR DE 1890

Igor Alves Noberto Soares *

Resumo: A presente pesquisa teve como objetivo analisar a atividade pastoral e a contribuição catequética de Dom Silvério Gomes Pimenta por meio de publicações jornalísticas, seja com o fim de demarcar dados biográficos importantes sobre sua trajetória junto à Arquidiocese de Mariana ou compreender sua missão formativa junto ao Povo de Deus. Esse enfrentamento teve como despertar inicial a dúvida sobre qual o primeiro negro nomeado ao episcopado brasileiro, e, diante da amplitude oriunda de tal investigação, o nome de Dom Silvério Gomes Pimenta é referendado em tal condição. Por meio de pesquisa exploratória, baseada na análise documental e revisão de literatura, foram estudados textos jornalísticos extraídos da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional para entender qual a projeção de Dom Silvério Gomes Pimenta no território mineiro por meio da publicação de suas cartas pastorais e notas sociais em jornais. Tal prática jornalística, atualmente em declínio, foi abundantemente utilizada por toda a vida de Dom Silvério, seja para comunicar-se com o povo de Deus na Arquidiocese de Mariana ou promover certa difusão pastoral em razão da disposição missionária de seus ensinamentos. A partir da pesquisa realizada, foi possível concluir pela realização de publicações em dois jornais específicos, com o maior número de citações, quais sejam, *O Apóstolo* (Rio de Janeiro) e *O Pharol* (Juiz de Fora), com evidente preocupação diante de questões atinentes às consequências sobre separação entre o Estado e a Igreja, à defesa dos padres mais idosos e a importância do Sacramento do Matrimônio.

Palavras-Chave: Dom Silvério Gomes Pimenta. Catequese. Pastoral. Publicação. Jornal.

Abstract: This research was based on analyzing the pastoral activity and catechetical contributions of Dom Silvério Gomes Pimenta through journalistic publications, either to demarcate important biographical data about his trajectory within the Archdiocese of Mariana or to understand his formative mission among the People of God. This discussion initially sparked the question of who the first black person was appointed to the Brazilian episcopate. Given the breadth of this investigation, Dom Silvério Gomes Pimenta's name is endorsed in this capacity. Through exploratory research, based on documentary analysis and literature review, journalistic texts extracted from the Digital Newspaper Library of the National Library were analyzed to understand Dom Silvério Gomes Pimenta's influence in Minas Gerais through the publication of articles and social media posts in newspapers. This journalistic practice, now in decline, was extensively used throughout Dom Silvério's life, whether to communicate with the people of God in the Archdiocese of Mariana or to promote pastoral outreach based on the catechetical approach of his teachings. Based on the research conducted, it was possible to conclude that publications in two specific newspapers received the highest number of citations: *O Apóstolo* (Rio de Janeiro) and *O Pharol* (Juiz de Fora), with evident concern for issues related to the consequences of the separation of Church and State, the defense of older priests, and the importance of the Sacrament of Marriage.

Keywords: Dom Silvério Gomes Pimenta. Catechesis. Pastoral. Publication. Newspaper.

* Doutor e Mestre em Direito pelo Programa de Pós-Graduação em Direito da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, instituição na qual concluiu os cursos de Bacharelado em Direito e em Filosofia. Professor dos Cursos de Graduação e Especialização da Afya Sete Lagoas e da PUC Minas. Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Mucuri, do Núcleo de Pesquisa Redes de Direitos Humanos e do Instituto de Ciências Penas. Advogado. E-mail: igor.ansoares@yahoo.com

1. INTRODUÇÃO

As comemorações dos 280 anos da Arquidiocese de Mariana, a *Primaz de Minas*, cujo júbilo requer o resgate da cultura e das tradições do povo católico, precisam ser precedidas de narrativas sobre os nomes históricos de sua formação – entre eles, decerto, o menino Silvério, seu nono bispo e primeiro arcebispo. Dom Silvério Gomes Pimenta, nascido no ano de 1840 em Congonhas do Campo, foi uma das figuras mais luminosas na história da Igreja Católica e do Brasil. De ascendência africana e família humilde, sua formação intelectual e religiosa, marcada pela sensibilidade pastoral e pelo profundo compromisso catequético com o Povo de Deus, tornou-o homem capacitado ao diálogo entre as diversas realidades sociais. Dom Silvério, portanto, também foi notado como um escritor de imensa sensibilidade, cujo zelo com a defesa do pensamento livre e a valorização da cultura culminaram em seu ingresso definitivo na Academia Brasileira de Letras.

Dom Silvério viveu num tempo de desafios e transformações socioestatais, e, por isso, sua vida foi definitivamente marcada pelo testemunho de amor e fé por meio da busca por educação qualidade e da valorização da palavra impressa, seja fidelizada em cartas, publicações jornalísticas ou sermões, verdadeiros instrumentos de evangelização e profusão de uma nova identidade à então Diocese de Mariana. Não por menos, sua presença na imprensa nacional e seu empenho em orientar o pensamento católico brasileiro fizeram dele um verdadeiro semeador de novos comportamentos diante dos momentos de fragilidade institucional.

O interesse em escrever sobre Dom Silvério tem origem em uma pesquisa sobre a criação da Diocese de Teófilo Otoni e o esbarrar com a informação de que Dom José Maria Pires, outro nome do profético episcopado brasileiro e latino-americano, fora o primeiro homem negro ordenado bispo *in terrae brasiliis*. Essa informação é deveras relevante, mormente pela representatividade do episcopado no contexto pós-abolição da escravatura e na construção da democracia brasileira a partir da Proclamação da República.

Por meio de pesquisa exploratória, baseada em análise documental e revisão bibliográfica, foram lidos dois jornais específicos, quais sejam, o periódico *O Apóstolo: periódico consagrado aos interesses da religião e da sociedade*, do Rio de Janeiro, e o periódico *O Pharol*, de Juiz de Fora, com publicações entre 1890 e 1899. A escolha dos

dois compêndios jornalísticos não foi aleatória, mas o critério de inclusão teve por fundamento a vastidão de citações quando da consulta ao nome “Silvério Gomes Pimenta” na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, mais precisamente 175 e 117 ocorrências, respectivamente. Por isso, os dois jornais anteriormente destacados são aqueles com o maior número de citações ao presbítero.

Considerando a coleta de dados realizada, é possível concluir pela existência de um perfil intelectual reconhecido nacionalmente, com a projeção de comentários e notícias capazes de demonstrar a entronização social de Dom Silvério Gomes Pimenta na formação do pensamento naquele momento histórico. No mesmo sentido, alguns comentários pastorais encontrados evocam temas importantes ao contexto da época, retratados em recorte posterior à ordenação episcopal de Silvério, entre eles a separação entre Estado e Igreja, a situação dos padres idosos sem auxílio capaz de satisfazer às suas necessidades e a defesa intransigente do matrimônio ante a proibição de realizar o casamento religioso antes do ato civil.

Para bem cumprir os seus preceitos metodológicos, este artigo está organizado em dois capítulos. No primeiro, foram alicerçados os traços biográficos de Dom Silvério a partir de seu nascimento, o seu desenvolvimento enquanto seminarista e presbítero, e, por fim, os elementos importantes de sua vida nas entradas da (Arqui)Diocese de Mariana. No segundo capítulo, por fim, Dom Silvério foi retratado em virtude de sua relação com o episcopado e a criação da República, pois foi o primeiro bispo ordenado no Brasil após o fim do regime monárquico, e, por isso, as publicações jornalísticas estudadas demonstraram a singularidade de Dom Silvério na vida cotidiana brasileira no contexto da defesa da fé e de uma pastoral-catequética capaz de demonstrar sua fiel opinião sobre os rumos da Igreja e do próprio Brasil.

2. TRAÇOS BIOGRÁFICOS

O menino Silvério Gomes Pimenta nasceu no dia 12 de janeiro de 1840, em Congonhas do Campo, à época um distrito da cidade de Ouro Preto,¹ lugar já conhecido pelas festivas

¹ Por força da Lei n. 843, de 7 de setembro de 1923, o distrito de Congonhas do Campo foi desvinculado administrativamente da cidade de Ouro Preto e anexado à cidade de Queluz, atual Conselheiro Lafaiete. Noutro tempo, com a edição do Decreto-Lei n. 148, de 17 de dezembro de 1938, Congonhas do Campo foi devidamente emancipado e tornou-se um município, cujo limite geográfico foi formado a partir do

romarias em devoção ao Senhor Bom Jesus de Matosinhos e pelo notório conjunto artístico esculpido por Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, com destaque às obras dos *Passos da Paixão* e dos *Profetas*. O menino, o primeiro filho de Antonio Alves Pimenta e Porcina Gomes de Araújo, teve quatro irmãos nascidos na seguinte ordem, qual seja, Maria, Matheus, Emília e Jacyntha, e recebeu o Sacramento do Batismo na Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Congonhas do Campo. O nome *Silvério*, escolhido para qualificar o recém-nascido, seguiu o costume praticado por diversas comunidades cristãs e homenageou o seu avô materno (Oliveira, 1940).

Os traços biográficos de Dom Silvério foram compilados em diversas obras, e, no presente artigo, foram considerados os contributos de Monsenhor Alypio Odier de Oliveira, do clero da Arquidiocese de Mariana, em publicação realizada no ano de 1940 para comemorar o centenário de nascimento de Silvério. Aliás, no momento de publicação dos recortes biográficos de Dom Silvério pelo Monsenhor Alypio Odier de Oliveira, a senhora Jacyntha ainda estava viva e acompanhou parte dos festejos em homenagem ao centenário de nascimento do irmão.

Dom Silvério teve origem extremamente humilde, sem qualquer proveito econômico oriundo de herança ou bens terrenos capazes de trazer à família uma vida confortável, mas o berço familiar foi indispensável para traçar os elementos fundamentais da fé católica em torno da participação da Eucaristia e da vida comunitária. Ainda em Congonhas, à época um distrito de Ouro Preto, Silvério estudou o curso primário com os Professores Antônio Gurgel e Manuel Seabra, cujo elogioso reconhecimento ao desenvolvimento do menino foi importante para despertar lúcida inteligência e maturidade ainda na precocidade de tenra idade.

Aos nove anos, órfão de pai e sem recursos para persistir nos estudos, Silvério viu-se compelido ao trabalho de subsistência familiar em estabelecimentos comerciais. Por intermédio de seu padrinho e tio, o Alferes Manoel Pimenta, Silvério recebeu autorização dos padres lazistas para estudar, na condição de estudante externo, no *Collegio de Congonhas*. Tal educandário, localizado nas cercanias do Santuário do Senhor Bom Jesus

desmembramento territorial de Conselheiro Lafaiete e de Ouro Preto. Por meio da Lei n. 336, de 27 de dezembro de 1948, o Município de Congonhas do Campo teve o nome alterado para Congonhas, simplesmente, cuja designação se mantém mesmo após uma consulta popular sobre o retorno à antiga nomenclatura (Assembleia Legislativa de Minas Gerais, 2025).

de Matosinhos, despertou em Silvério o gosto pela catequese e pelas aulas ministradas naquela instituição, com cuidado para desvencilhar-se das companhias errantes ou perder tempo senão no estudo, evento suficiente para vislumbrar o seu despertar vocacional diante da devoção ao Senhor Bom Jesus. Silvério dedicava-se com afinco ao trabalho doméstico em sua casa, aos fins de semana e dias de feriado, inclusive com inigualável zelo no cuidado aos irmãos menores (Oliveira, 1940), motivo pelo qual conseguiu conciliar as atividades formativas com a assistência familiar. Não são raras as lembranças sobre a entrega de Silvério aos estudos, ao mesmo passo de sua hercúlea tentativa de superar as contradições da fome, da extremada pobreza e do preconceito racial, cuja situação fez de Silvério uma pessoa adaptável à realidade, mas não menos desejosa de vencer os obstáculos colocados em seu caminho. Por ocasião da falta de energia elétrica, por exemplo, o garoto recorria até mesmo à luz dos estabelecimentos comerciais para não perder a oportunidade de concluir as tarefas escolares.

Imagen 1. Casa onde morou o menino Silvério em Congonhas do Campo



Fonte: Arquivo Público Mineiro (2025)

Em 1855, diante do encerramento das atividades do *Collegio Congonhas*, Silvério dedicou-se ao serviço de sapateiro. Naquele mesmo ano, por suporte de Dom Antônio Ferreira Viçoso, Bispo de Mariana e seu padrinho de Crisma, Silvério foi recebido no Seminário de Mariana, cuja origem pobre não o impediu de servir à formação e à dedicação às atividades próprias do lugar. No dia 20 de agosto de 1855, Silvério enviou

carta a Dom Antônio Ferreira Viçoso, então Bispo de Mariana, cuja resposta está devidamente datada de 2 de setembro daquele mesmo ano. Na oportunidade, Dom Viçoso respondeu positivamente sobre o ingresso de Silvério no Seminário Diocesano, onde seria possível ver qual ocupação o jovem tomaria, e ainda informou sobre um cavalo à sua disposição conduzido pelo Padre Lima até Brumado (ou até *Suassuy*). O padrinho ainda enviou ao afilhado a quantia de 10\$000 (provavelmente dez mil réis) e vaticinou: "Deus o acompanhe, e cá o espero quanto antes. Não aperte muito o cavallinho para não se affrouxar, ou se pisar. Marianna, aos 2 de setembro de 1855. Servo e padrinho Antonio Bispo" (sic) (Oliveira, 1940, p. 10).

Durante os anos no Seminário de Mariana, o jovem Silvério, agora com 15 anos de idade, foi devidamente conhecido por sua aplicação à leitura, ao estudo de línguas e ao trato com conhecimento erudito, oportunidade na qual fez voto de dedicar-se aos estudos em detrimento das oportunidades de descanso ou lazer, motivo pelo qual Silvério destacou-se dos demais ao desenvolver importante bagagem cultural. Por mais de uma década, e desde os 17 anos (Trindade, 1945), Silvério exerceu o ofício de Professor de História Universal e Língua Latina no Seminário de Mariana, inclusive durante os anos de sua formação teológica, e, antes disso, laborou na condição de porteiro daquela instituição. Ali também curou as dificuldades na fala, em razão de uma gagueira contornada com muito esmero, e foi um dos autodidatas mais reconhecidos na história do Seminário, o que fez de Silvério um exímio orador e um seminarista notabilizado por suas habilidades e apurada inteligência (Oliveira, 1940).

Considerando a idade de 22 anos, o seminarista Silvério recebeu dispensa da Santa Sé no tocante ao cumprimento da idade mínima para ordenação presbiteral, qual seja, de 25 anos – definida desde o Concílio de Trento, encerrado em 1563 – tendo em vista a destacada formação intelectual e maturidade vocacional. Segundo as regras da época, a primeira tonsura de Silvério foi realizada em 10 de abril de 1857, com a ordenação diaconal realizada em 21 de abril de 1862. Silvério Gomes Pimenta foi ordenado presbítero no dia 20 de julho de 1862, pela imposição das mãos de Dom Antônio Ferreira Viçoso, em celebração ocorrida na Igreja de Nossa Senhora do Carmo de Sabará, por ocasião de uma visita pastoral do Bispo Diocesano àquele território (Oliveira, 1940).

Após sua ordenação, Padre Silvério persistiu com sua residência no Seminário de Mariana, mormente pela importância de sua atividade junto à formação dos demais padres e seminaristas sobre o adequado uso das línguas e dos aspectos litúrgicos. Silvério também possuía íntima atenção para com as crianças, cuja aproximação foi reconhecida, futuramente, nas diversas visitas pastorais realidades. Por complemento, Padre Silvério nunca se afastou de sua missão catequética e pastoral, cuja força foi devidamente experienciada nas palavras proferidas durante todas as celebrações e festividades católicas presididas por ele naquela ocasião.

Diante da necessidade de tratamento, mormente por constantes dores na cabeça, Padre Silvério acompanhou o Padre João Baptista Cornagliotto em viagem à Europa, pela primeira vez, em 1864, a fim de ver-se livre das perturbações de saúde. Na ocasião, o Padre Silvério encontrou-se com o Papa Pio IX, em amistoso encontro professado em comunhão e verdadeira fraternidade, cujos conhecimentos sobre assuntos gerais e línguas surpreenderam o Sumo Pontífice e aos cardeais ali presentes. Em razão das diversas histórias narradas, é válido lembrar a relação entre Silvério e a expressão "*niger sed sapientes*" (Oliveira, 1940, p. 17), em tradução livre "*negro, porém sábio*". Para alguns biógrafos, a frase teria sido proferida por um cardeal em razão da surpreendente eloquência do presbítero brasileiro, como se fosse possível desacreditar da inteligência do presbítero tão somente em razão de sua cor. Tal frase, segundo narrado pelo próprio Padre Silvério, nunca foi proferida e não passou de uma fantasia popular (Oliviera, 1940), mas tal testemunho foi reproduzido por pessoas presentes naquele encontro. Por outro lado, a negativa de Silvério sobre o episódio preconceituoso pode ser percebida como uma tentativa de não acirrar os ânimos ou criar desavenças, conduta muito provável de um homem subserviente ao diálogo.

Em suma, alguns acontecimentos importantes antecederam o episcopado de Dom Silvério Gomes Pimenta. De volta ao Brasil, Silvério repousou entre a atenção de sua família e a rotina junto ao Seminário de Mariana: acordava às 4h da manhã, meditada a Via Sacra e presidia a celebração da Santa Missa. Naquela ocasião, Padre Silvério também assumiu a catequese dominical, evento importante para reforçar a transmissão do conhecimento pastoral e teológico. Em 1873, sob as bênçãos de Dom Viçoso, Padre Silvério fundou o *Jornal O Bom Ladrão*, de periodicidade trimestral, com o fim de amparar temas gerais

para formar as pessoas na prática da fé católica, fato indispensável para vincular Silvério à imprensa.

3. AS PUBLICAÇÕES DE DOM SILVÉRIO: CATEQUESE E MISSÃO

Quando do falecimento de Dom Viçoso em 7 de julho de 1875, o Padre Silvério foi eleito Vigário Capitular, cuja função estar-se-ia vinculada à manutenção da administração do Governo da Diocese em razão da ausência de seu bispo. Naquela ocasião, Silvério reiterou a prática de seu padrinho contra a escravidão, seja a partir do controle sobre a participação das atividades religiosas ou de atos contrários à dignidade humana dos também filhos e filhas Deus. O Padre Silvério também manteve a querida prática denominada *Páscoa dos Presos*, ocasião na qual uma imagem de Jesus Sacramentado era conduzida em procissão até o cárcere e, em comunhão, o Evangelho recebia partilha para trazer conforto e refúgio aos corações inquietos (Arquidiocese de Mariana, 2025).

Com a nomeação e entrada de Dom Antônio Maria Correia de Sá e Benevides ao Bispado de Mariana, em 1877, o Padre Silvério foi designado seu Vigário-Geral, e, na oportunidade, demonstrou relevantes préstimos na consolidação das mais diversas atividades administrativas e de gestão da nova realidade local. A partir de 1888, a saúde de Dom Benevides definhou de vez, e, em razão de uma atrofia nas mãos, evento limitador até mesmo para presidir a celebração da Santa Missa ou realizar tarefas cotidianas, Padre Silvério foi nomeado Visitador Diocesano pela Santa Sé e recebeu autorização para administrar o Santo Crisma, dado importante para permitir a chegada da representação do Bispado e persistir nas práticas sacramentais perante todo o território diocesano. Em 1881, o então Padre Silvério Gomes Pimenta foi agraciado com a destacada Comenda da Ordem de Cristo, e, em 1887, foi nomeado pelo Papa Leão XIII como Protonotário Apostólico *ad instar participanteium* (Pimenta, 1912), espécie de título honorífico concedido por Sua Santidade aos padres não pertencentes à Cúria de Roma. Entre outras distinções, o padre galardoado com tal distinção receberia o título de *Monsenhor*, teria precedência entre os prelados de determinada localidade e poderia usar determinadas vestes litúrgicas.

O Monsenhor Silvério Gomes Pimenta, diante do quadro de saúde de Dom Benevides e gozando de verdadeiro prestígio junto à Igreja Católica, foi devidamente nomeado Bispo

Auxiliar de Mariana e Titular de Camaco, na Armênia, por meio de bula publicada no dia 26 de junho de 1890 pelo Papa Leão XIII. A sagradação episcopal do Padre Silvério Gomes Pimenta foi devidamente realizada no dia 31 de agosto de 1890, em São Paulo, em razão de outra ordenação marcada naquela localidade (do Padre Manoel dos Santos Pereira, nomeado Bispo Auxiliar da Arquidiocese de São Salvador da Bahia) e da reunião dos membros do episcopado brasileiro. O sagrante principal foi Dom Pedro Maria de Lacerda, então Bispo da Diocese de São Sebastião do Rio de Janeiro e amigo de Silvério, de quem foi professor de Teologia, sendo consagrantes Dom Antônio Cândido Alvarenga e Dom Joaquim José Vieira (Arquidiocese de Mariana, 2025).²

Não há informações mais precisas sobre o local da sagradação, mas o Monsenhor Alypio Odier de Oliveira (1940) indicou o Seminário da então Diocese de São Paulo como o lugar determinado da sagradação episcopal de Dom Silvério, o mesmo local onde foi oferecido um jantar em comemoração ao momento celebrativo. No Jornal *O Pharol*, de Juiz de Fora, em publicação do dia 31 de agosto de 1890, consta a seguinte informação: "deve ser sagrado amanhã, na cathedral de S. Paulo, o coadjutor do bispado de Marianna, monsenhor Silverio Gomes Pimenta" (sic), inscrição na qual há três equívocos. Dom Silvério foi sagrado bispo justamente no dia 31 de agosto de 1890, um domingo, e não no dia 1º de setembro daquele mesmo ano – o jornal noticiou *o dia de amanhã* como aquele do ato sagrante. No mesmo sentido, Dom Silvério foi nomeado Bispo Auxiliar da Diocese de Mariana, e não precisamente um Bispo Coadjutor, com direito à sucessão quando do falecimento de Dom Benevides, tanto é que aguardou a segunda nomeação para tomar posse enquanto Bispo Titular da Diocese – Sua Excelência, inclusive, assinou as suas cartas na condição de *Bispo de Camaco, Auxiliar de Marianna*. Por fim, Dom Silvério não foi ordenado na Catedral de São Paulo, mas na Capela do Seminário, fato encontrado em outra edição do *Jornal O Apóstolo* (Biblioteca Nacional, 2025, [s.p.]).

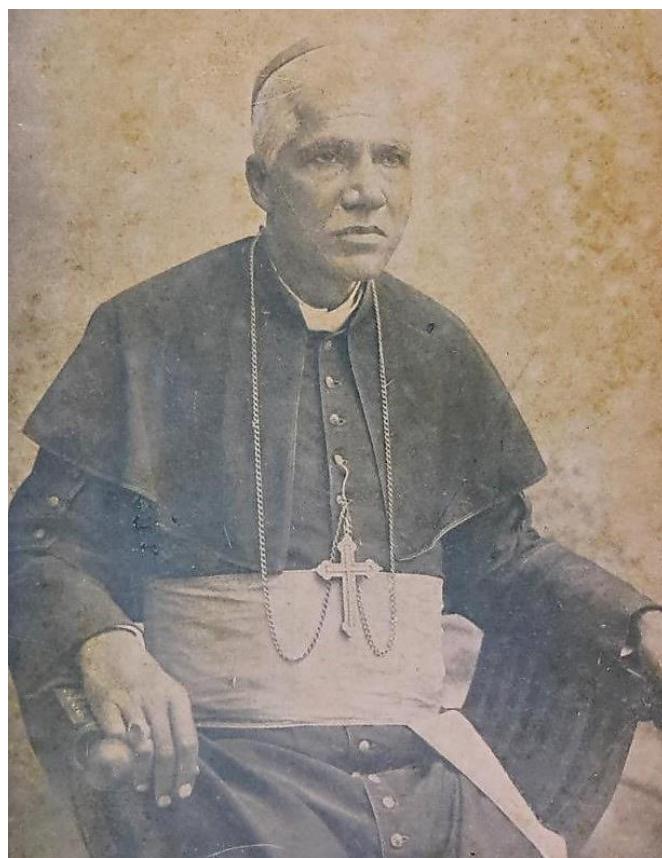
Dom Silvério foi o segundo membro do episcopado brasileiro nascido no território da então Diocese de Mariana (Dom João Antônio dos Santos, nascido em São Gonçalo do Rio Preto, foi sagrado o primeiro bispo da Diocese de Diamantina, em 1864, por Dom Viçoso), o primeiro negro brasileiro a alcançar o episcopado e o primeiro bispo ordenado

² Na atualidade, considerando o episcopado enquanto *terceiro grau* do Sacramento da Ordem, a celebração destinada à ordenação de um bispo é denominada de *ordenação episcopal*, e não mais *sagradação episcopal*. A palavra *sagradação*, com suas derivações, foi mantida em razão do contexto histórico retratado no presente artigo.

após a Proclamação da República, no mesmo dia da ordenação de Dom Manoel dos Santos Pereira. De fato, quando da publicação de um estudo sobre a Diocese de Teófilo Otoni (Soares, 2020), foi possível compreender a indicação de Dom Silvério Gomes Pimenta, e não do estimado Dom José Maria Pires, na condição de primeiro membro negro do episcopado brasileiro, cuja história é importante para retratar a superação da cultura escravagista presente pelas mais diversas instituições nacionais.

Em 9 de maio de 1895, a rogo de Dom Benevides, Dom Silvério viajou a Roma, a fim de representar o Governo do Bispado em uma visita *ad limina Apostolorum*, espécie de visita ao Santo Padre com o dever de prestar contas da administração diocesana (Pimenta, 1912) e periodicidade quinquenal, atualmente, obrigação de todos os membros do episcopado em função eclesiástica – portanto, excluídos os eméritos.

Imagen 2. Dom Silvério Gomes Pimenta



Fonte: Dom Joaquim Silveira de Souza (1927)

Diante do falecimento de Dom Benevides, Dom Silvério foi eleito Vigário Capitular com o gozo da conhecida função administrativa, e, posteriormente, foi nomeado Bispo da Diocese de Mariana no dia 3 de dezembro de 1896, por meio de bula lavrada por Leão

XIII, com concorrida entrada solene no dia 16 de maio de 1897. No ato, participaram diversas autoridades civis e eclesiásticas, entre elas o próprio Chrispim Jacques Bias Fortes, Presidente do Estado de Minas Gerais, seus secretários e demais membros dos poderes legislativo e judiciário. Por meio da *Sempiternum Humani Generis*, já sob papado de Pio X, datada de 1º de maio de 1906, a Diocese de Mariana foi elevada à condição de Arquidiocese, e, na oportunidade, Dom Silvério Gomes Pimenta foi nomeado o seu primeiro Arcebispo (Trindade, 1945). Conforme publicação no *Jornal O Arquidiocesano*, de 30 de julho de 1967, a imposição do pálio episcopal, espécie de paramento vestido sobre a casula e próprio dos arcebispos, ocorreu em solene celebração realizada no dia 6 de agosto de 1907, na Sé de Mariana, com a presença de Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti (o primeiro cardeal da América Latina), de outros membros do episcopado mineiro e do Brasil, de membros das congregações, do clero marianense e de inúmeros fiéis leigos, além de João Pinheiro da Silva, Presidente do Estado de Minas Gerais e ex-aluno de Silvério, a quem competiu saudar os presentes e Sua Excelência durante um jantar oferecido no Seminário de Mariana (Oliveira, 1940; Biblioteca Nacional, 2025).

O início da caminhada episcopal de Dom Silvério coincide com o reforço sistematizado de promover a catequese, o que foi concretizado também por meio de suas *Cartas Pastorais*, assim compreendidas exortações sobre assuntos da Igreja Católica devidamente publicadas entre 1890 e 1922. Tais publicações foram essenciais para difundir o carisma da Diocese de Mariana por diversas realidades brasileiras, mas, mais precisamente, junto ao povo dessa circunscrição eclesiástica. Contudo, além de dedicado professor e exímio orador, Dom Silvério publicou outras obras, entre elas *A prática da confissão* (1873) e a biografia *D. Antônio Ferreira Viçoso, Bispo de Mariana, Conde da Conceição* (1876), compêndio em homenagem ao entusiasta de sua entrada no Seminário Diocesano e carinhoso padrinho.

Não por menos, em 28 de maio de 1920, Dom Silvério tomou posse na cadeira de n. 19 da Academia Brasileira de Letras, o primeiro presbítero brasileiro a atingir tal instituição, ocasião na qual foi saudado pelo jornalista e poeta Carlos de Laet. Em seu discurso de posse, entre as narrativas sobre o Alcindo Guanabara, o seu antecessor na cadeira 19, e as descobertas oriundas da alocação de Sua Excelência em sodalício de natureza literária, Dom Silvério fez verdadeira ode à imprensa, “benefício providencial de Deus”,

oportunidade na qual narrou: “a imprensa é o flagelo da tirania, e é o poder mais temido que conhecem os poderes da terra, os quais dela têm mais medo do que das armadas e dos exércitos” (Academia Brasileira de Letras, 2025, [s.p.]).

Imagen 3. Dom Silvério entre os imortais da Academia Brasileira de Letras



Fonte: Arquivo Público Mineiro (2025)

Até este ponto, cuidamos de traçar dados biográficos e expor as habilidades intelectuais de Dom Silvério, em tentativa redentora de demonstrar os feitos de um jovem humilde, cuja caminhada, até a data de seu falecimento, em 30 de agosto de 1922, foi marcada por extremada capacidade de diálogo, injustas indiferenças por sua cor e superação das dificuldades da administração (arqui)diocesana. Contudo, e nos termos do presente trabalho, resta-nos compreender como Dom Silvério comunicou-se com as diversas realidades de seu tempo, inclusive em matéria de organização estatal, com o uso das publicações em jornais de circulação local e nacional.

Por meio de pesquisa exploratória, baseada em revisão bibliográfica e análise documental, foram lidos dois jornais específicos, quais sejam, o periódico *O Apóstolo: periódico consagrado aos interesses da religião e da sociedade*, do Rio de Janeiro, e o periódico *O Pharol*, de Juiz de Fora. A escolha dos dois compêndios jornalísticos não foi

aleatória, mas, como critério de inclusão, teve por base a vastidão de citações ao nome de “Silvério Gomes Pimenta” na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, mais precisamente 175 e 117 ocorrências, respectivamente. Não seria possível retratar todas as publicações, mas destacam-se três frentes: a ruptura entre Estado e Igreja após a Proclamação da República, a defesa do Sacramento do Matrimônio e a proteção dos presbíteros idosos.

A primeira publicação de *Carta Pastoral* consultada data de 5 de maio de 1891, publicada no *Jornal O Apóstolo*, e versou sobre a preocupação de Dom Silvério quanto à criação de caixas e espaços de assistência aos padres idosos e pobres em verdadeira mendicância, mormente pela inexistência de casas de familiares onde poderiam buscar repouso ou a construção de instalações dignas perante as freguesias (Silvério, 1891c). Essa carta foi devidamente escrita no dia 24 de fevereiro de 1891 e foi publicada de forma fragmentada nos dias 26 de abril, 29 de abril e 25 de maio daquele mesmo ano.

A preocupação de Dom Silvério também possuía explicação histórica. Com o advento da República e o fim de regime do padroado sustentado pelo Império do Brasil, as instituições do Estado e da Igreja foram separadas, a fim de reforçar a definição de *Estado Laico* presente na Constituição de 1891 e a consequente impossibilidade de adoção de um credo oficial ou o financiamento de cultos pelo Estado. De pronto, o fim do padroado também afastou a obrigação de o Imperador nomear bispos ou padres ao serviço eclesiástico no território brasileiro, marcando o fim de um privilégio pessoal do monarca para ditar, pelo dever e pela moralidade, os rumos da própria Igreja Católica (Santini, 1974).

Aliás, o assunto retratado anteriormente traz à baila a segunda parte da *Carta Pastoral* consultada, com publicação no dia 26 de abril de 1891, sobre a separação entre Estado e Igreja. Isso porque o Governo Provisório, constituído logo após a Proclamação da República, tratou de estancar a relação amistosa e harmônica, segundo Dom Silvério, entre as instituições deixadas à humanidade pelo Criador, pois, com “uma suffreguidão digna de melhor causa decretou o governo seu divórcio com a religião dos brasileiros, quebrou os laços que, para a felicidade do mesmo Estado, deviam estreitá-lo com a Egreja, julgou-se isento de cumprir as obrigações solmnes que a nação contrahio de

sistentar o culto católico em compensação dos bens da Igreja que incorporara aos do Estado” (sic) (Pimenta, 1891a, [s.p.]).

Considerando tal ruptura, segundo Dom Silvério, a situação de indiferença também se vinculou ao fim do parco subsídio encaminhado à Igreja pelas instituições do regime imperial então vigente. A preocupação do presbítero, contudo, não se concentrava na mera dimensão financeira, pois a Igreja encontraria meios para manter seu culto, seus templos e a vida de seus clérigos a partir das doações e esmolas dadas por seus fiéis. No fragmento da carta publicado no dia 29 de abril, reiterando o teor das outras duas partes, Dom Silvério esteve atento à dimensão espiritual capaz de impelir fiéis à doação de recursos para manter as atividades da Igreja Católica perante todo o território nacional (Pimenta, 1891b, [s.p.]), bem como ao perecimento de uma dimensão moral-religiosa de escolas e instituições dominadas por outras manifestações de fé.

Por ocasião da publicação do dia 5 de maio, Dom Silvério exortou a criação e nomeação de comissões para angariar subsídios para suprir necessidades, oriundos de parte das esmolas recolhidas, cujos nomes deveriam ser publicizados para pleno conhecimento dos fiéis. Os vigários em cada freguesia deveriam gastar 1/5 do montante, conforme as orientações das comissões para atingir os objetivos da Carta Pastoral, cujo conteúdo deveria ser lido às comunidades de fiéis para fidelizar a doação ao progresso da Igreja Particular.

Na mesma toada, a exortação incentivava a ação das freguesias no sentido de manter fundos capazes até mesmo de permitir o pagamento de côngruas, assim denominado os recursos financeiros destinados aos padres, a fim de prover-lhes subsistência. Portanto, vaticinou Dom Silvério: “sede generosos com os vossos Pastores, não lhes prestando só o que determina o estatuto diocesano, mas abrindo as mãos um pouco mais com eles. Concorrei com um pouquinho do que Deos vos deu”. De fato, conforme narrado, a Proclamação da República pôs fim ao regime do padroado e à manutenção do culto católico pelo Estado, motivo pelo qual os diversos organismos católicos empreenderam na tarefa de angariar fundos para persistir, inclusive, no serviço já realizado em educandários e hospitais católicos (Pimenta, 1891c, [s.p.]).

Ou seja, com ardor administrativo e conhecimento da realidade diocesana, o fim do regime do padroado foi contornado por Dom Silvério a partir de dupla iniciativa: recordar a manutenção do culto e dos templos católicos antes mesmo de tal realidade e incentivar as doações entre fiéis para persistir as atividades ao longo do território da Diocese de Mariana. Na publicação do dia 26 de abril de 1891, por exemplo, Dom Silvério foi capaz de indicar exemplos de benfeitorias realizadas pelos próprios fiéis na Freguesia de Sant'Anna do Capivary e na Freguesia de Baependy, lugares nos quais os eclesiásticos contavam com diversas doações realizadas pelo Povo de Deus. Na primeira localidade, o vigário ali servidor recebia congrua maior do que aquela vislumbrada em outras freguesias, e, no segundo lugarejo, a quantia era suficiente até mesmo para erigir educandários para formar jovens pobres (Silvério, 1891a).

Na publicação do dia 29 de abril, por exemplo, não faltaram argumentos para arregimentar doações de fiéis. Os valores dispensados pelos fiéis serviriam para suprir as necessidades primárias das capelas e freguesias – inclusive o ponto de vista material, além de contribuir para reduzir o chamado “ateísmo” das escolas, difundir a fé cristã entre as famílias, prestar assistência às pessoas empobrecidas, remediar as misérias, manter o Seminário Diocesano e aumentar o número de padres em razão da extensão territorial da Igreja Particular (Silvério, 1891b). Esse ponto merece atenção, pois está submetido às limitações geográficas oriundas da faraônica dimensão do território diocesano. A então Diocese de Mariana, naquele contexto, possuía território ainda mais alargado, pois inexistiam todas as circunscrições eclesiásticas localizadas nas regiões centro-oeste, zona da mata e sul de Minas Gerais, inclusive nos territórios das atuais Arquidiocese de Belo Horizonte, Arquidiocese de Juiz de Fora, Arquidiocese de Pouso Alegre e das Dioceses da Campanha, de Divinópolis, de Itabira-Coronel Fabriciano, de Leopoldina e de São João Del Rei, por exemplo.

Outro ponto versa sobre a defesa do Sacramento do Matrimônio. Na edição n. 44 do *Jornal O Apóstolo*, publicada em 22 de abril de 1891, foi divulgada carta escrita pelo Padre Antônio Corrêa Lima, da Paróquia de Santa Rita de Cássia de Viçosa, remetida ao Ministro da Justiça do Brasil, no sentido de inferir sobre a obediência à circular de Dom Silvério Gomes Pimenta, datada de 3 de fevereiro do mesmo ano. No referido documento, Dom Silvério exortou aos vigários de toda a Diocese de Mariana na manutenção da celebração de casamentos religiosos, com a ministração do Sacramento do Matrimônio,

independentemente de ato civil realizado anteriormente no chamado *Cartório de Paz*. Tal obrigatoriedade seria uma imposição a partir do resultado de uma consulta realizada pelo Governo do Rio de Janeiro, ao Ministro da Justiça, cuja obrigatoriedade se desenhou em mera resposta ao Chefe do Executivo e não por força de lei (Biblioteca Nacional, 2025). Em razão de um casamento celebrado antes do ato civil, o Padre Corrêa Lima viu-se processado por flexibilizar tal obrigatoriedade não prevista em lei, e, em sua carta, evocou a liberdade religiosa e o princípio da legalidade para concluir, logicamente, se a República tão somente reconhecesse o casamento civil, qual seria a importância de celebrar o ato religioso antes ou depois do civil?

Nas edições do *Jornal O Pharol*, de Juiz de Fora, não há publicações literais sobre as cartas pastorais de Dom Silvério, muito menos outra difusão catequética de sua autoria, mas a vida pastoral de Sua Excelência restou devidamente consignada em todas as edições consultadas. Qualquer fosse a simples parada ou a viagem para atividades pastorais e sacramentais no território de Juiz de Fora, Dom Silvério virava notícia e preenchia as colunas sociais do referido recorte jornalístico. É possível inferir, nesse sentido, a importância da imagem de Dom Silvério enquanto bispo e pessoa na construção de uma identidade demarcada pelo território diocesano, pois a sua presença também agitou a própria normalidade das cidades e vilas visitadas na síntese do encontro (Biblioteca Nacional, 2025).

Por tudo isso, é possível inferir o compromisso de Dom Silvério com a administração diocesana antes mesmo de sua ordenação episcopal e consequente posse no Governo da Diocese de Mariana, dado mensurável pela diversidade de funções ocupadas e a confiança da estrutura maior da Igreja Católica sobre seu trabalho. Além disso, Dom Silvério Gomes Pimenta segue eternizado por oportunizar grandes feitos na Diocese de Mariana, seja no empenho para sua elevação à Arquidiocese, sendo dela o seu primeiro Arcebispo, ou o incansável trabalho para satisfazer as mais variadas necessidades daquela circunscrição eclesiástica, inclusive da criação de outros espaços católicos destinados à redução do sofrimento humano. Dom Silvério foi responsável por reorganizar as instituições diocesanas, inclusive o Cabido dos Cônegos e o Seminário, com vistas à proteção do patrimônio da circunscrição eclesiástica de Mariana, inclusive para sanar pendências com os poderes locais e incultar nova cultura intelectual ao Povo de Deus.

Ainda quando a sinodalidade parecia distante, Dom Silvério tratou de organizar o primeiro *Synodo Diocesano*, iniciado em 11 de julho de 1903 na Catedral de Nossa Senhora da Assunção de Mariana, evento no qual foram travados importantes debates sobre a fé católica, a ministração dos sacramentos, a organização dos bens eclesiásticos e as relações entre os párocos (Oliveira, 1940). Dom Silvério Gomes Pimenta conheceu todo o território da Diocese de Mariana, e, inclusive, atuou ativamente para desmembrar territórios e pugnar pela criação de novas circunscrições eclesiásticas, entre elas as atuais Arquidiocese de Belo Horizonte e Diocese de Luz (à época, Diocese do Atterrado), por exemplo, criadas em 11 de fevereiro de 1921 e 8 de julho de 1918, respectivamente.

Diante das confluências da República, Dom Silvério soube dialogar com a realidade de seu tempo. Ainda quando Vigário Geral da Diocese de Mariana, o então Padre Silvério atuou com veemência para garantir justa manutenção e reconstrução da Matriz da Boa Viagem após a desapropriação de cemitérios e templos pertencentes à freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem do Curral d’El Rey para construir a nova capital após decisão do Governo Estadual e sob a atenção da companhia construtora. O compromisso firmado em nome de Dom Benevides com Affonso Penna, então Presidente do Estado, demonstra o prestígio de Silvério para com as autoridades estaduais na defesa dos interesses da Diocese de Mariana. Nesse sentido, merece atenção, já em 1912 e na condição de Arcebispo de Mariana, as tratativas de Dom Silvério para vender ao Governo do Estado a gleba de terra intitulada *Fazenda da Primavera*, localizada em Sete Lagoas, onde pretendia colonizar e construir um colégio – mesmo sob resistência de alguns.

Vale lembrar, por fim e não menos importante, a defesa de Dom Silvério contra o regime escravocrata presente no Brasil, mormente pela existência da obra *A vida de Dom Viçoso*, escrita pelo então Padre Silvério Gomes Pimenta (2020). Em que pese destinação da obra ao retrato biográfico de Dom Antônio Ferreira Viçoso, a questão escravocrata foi devidamente rechaçada na publicação sob dois aspectos: a escravização é um pecado em virtude de sua imoralidade e um verdadeiro atentado ao primado da igualdade oriunda da humanização trazida por Cristo. No *Jornal O Bom Ladrão*, por exemplo, e nas mais diversas práticas de fé criadas por Dom Silvério, há passagens contrárias às contradições vislumbradas por meio da escravidão, motivo pelo qual a defesa dos desemparados por seus senhores foi um posicionamento de Silvério em meio à sociedade de seu tempo,

motivo pelo qual sua elevação ao episcopado enquanto primeiro negro, no Brasil, traz contornos ainda mais relevantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o fim de participar das comemorações dos 280 anos da Arquidiocese de Mariana e empreender louvores a Deus por presente tão distinto, o presente artigo expôs alguns traços biográficos de Dom Silvério Gomes Pimenta, a fim de compreender sua importância na construção da identidade desta circunscrição eclesiástica, bem como a relevância de sua produção intelectual para esmerar a formação do clero, o desenvolvimento das vocações presbiterais e a escorreita proteção ao patrimônio diocesano.

Considerando a consulta à página da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, foram encontrados dois jornais com edições publicadas entre 1890 e 1899, quais sejam, *O Pharol* de Juiz de Fora e *O Apóstolo* do Rio de Janeiro. A leitura de tal acervo foi essencial para perquirir quais as estratégias utilizadas por Dom Silvério Gomes Pimenta quando da profusão da fé católica e da formação catequética do povo de Deus. Por meio de diversas publicações jornalísticas, foi possível concluir pela existência de um perfil administrativo totalmente inovador, baseado na gestão de pessoas e na proteção ao patrimônio diocesano, bem como uma postura preocupada com a manutenção do culto mesmo após o fim do regime do padroado.

Ou seja, Dom Silvério Gomes Pimenta, amante da imprensa e das línguas, usou dos meios de comunicação para atingir toda a circunscrição eclesiástica de Mariana com diversos assuntos atinentes à fé, entre eles a defesa do Matrimônio, a proteção aos padres idosos e a prática da doação junto aos organismos da Igreja para manter o culto. O perfil intelectual de Dom Silvério, condutor de sua posse junto à Academia Brasileira de Letras, também foi essencial para liderar a Diocese de Mariana nas veredas do culto católico e na construção de uma administração com capacidade estratégica, capaz de reduzir os possíveis danos oriundos da separação entre Estado e Igreja.

Enquanto pessoa de origem humilde e com antepassados oriundos de África, a história de Dom Silvério Gomes Pimenta, o primogênito de uma família empobrecida e recebedora

do apoio de muita gente, serve de paradigma para pensar a importância da formação intelectual na vida de clérigos e de pessoas leigas na superação do preconceito. Portanto, a celebração dos 280 anos da Arquidiocese de Mariana perpassa pelo resgate de seus vultos históricos, razão pela qual o ministério de Silvério Gomes Pimenta precisa ser festejado enquanto exemplo de entrega ao projeto de Deus e de memória afetiva pela defesa da cultura da *Primaz* de Minas.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Dom Silvério Gomes Pimenta: discurso de posse. Rio de Janeiro, [s.d.]. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/silverio-gomes-pimenta-dom/discurso-de-posse>. Acesso: 15 nov. 2025.

ARQUIDIOCESE DE MARIANA. Projeto Memória – Dom Silvério. Disponível em: <https://projetomemoriaarquidiocesefaculdadedomluciano.com.br/episcopado/dom-silviero-gomes-pimenta/>. Acesso: 21 ago. 2025.

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Acervo Iconográfico. Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/. Acesso: 12 nov. 2025.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE MINAS GERAIS. Legislação Mineira. Disponível em: <https://www.almg.gov.br/atividade-parlamentar/leis/legislacao-mineira/>. Acesso: 20 ago. 2025.

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 15 nov. 2025.

OLIVEIRA, Alypio Odier. Traços biograficos de Dom Silverio Gomes Pimenta no centenario do seu nascimento. São Paulo: Escolas Profissionaes Salesianas, 1940.

PIMENTA, Olympio Marques. Esboço biographico de D. Silverio Gomes Pimenta. In: **Revista do Archivo Público Mineiro**, v. 17, p. 5-10, 1912. Disponível em: www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/1266.pdf. Acesso: 10 set. 2025.

PIMENTA, Silvério Gomes. Cartas Pastorais. In: Jornal **O Apostolo**: periódico religioso, moral e doutrinário, consagrado aos interesses da religião e da sociedade, edição 0046. Rio de Janeiro, 26 abr. 1891a. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso: 21 ago. 2025.

PIMENTA, Silvério Gomes. Cartas Pastorais. In: Jornal **O Apostolo**: periódico religioso, moral e doutrinário, consagrado aos interesses da religião e da sociedade, edição 0047. Rio de Janeiro, 29 abr. 1891b. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso: 21 ago. 2025.

PIMENTA, Silvério Gomes. Cartas Pastorais. In: Jonral **O Apostolo**: periódico religioso, moral e doutrinário, consagrado aos interesses da religião e da sociedade, edição 0049.

Rio de Janeiro, 26 abr. 1891c. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso: 21 ago. 2025.

PIMENTA, Padre Silvério Gomes. **Vida de Dom Antônio Ferreira Viçoso, Bispo de Mariana, Conde da Conceição**. 4. ed. sob organização do Padre José Carlos dos Santos. Mariana: Editora Dom Viçoso, 2020.

SANTINI, Cândido. O padroado no Brasil. Direito Real. In: **Revista Perspectiva Teológica**, n. 6, v. 11, 1974, p. 159-204. Disponível em: <https://faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/2383>. Acesso: 15 set. 2025.

SOARES, Igor Alves Noberto. Os 60 anos da Diocese de Teófilo Otoni: síntese histórica de sua representação político-pastoral. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Mucuri**, v. 4, p. 58-72, 2020.

SOUZA, D. Joaquim Silvério de. **A vida de D. Silvério Gomes Pimenta**. São Paulo: Escolas Profissionaes do Lyceu Coração de Jesus, 1927.

TRINDADE, Cônego Raimundo. **Instituições de Igrejas no Bispado de Mariana**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1945.